

Estética Teológica: princípios e perspectivas para o início de um diálogo

Theological Aesthetics: principles and perspectives to start a dialogue

Marcus Mareano

Doutor

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

marcusmareano@gmail.com

ID Lattes: 1778420861705912

ORCID: 0000-0003-0847-8503

Resumo

O presente momento histórico exige um anúncio de Deus que atenda ao anseio humano de Transcendência e de Beleza. Numa sociedade fragmentada, relativista, veloz e hedonista, a transmissão da fé torna-se cada vez mais difícil e, por vezes, deparamo-nos com uma linguagem da fé incompreensível para os nossos contemporâneos. Assim, uma apresentação de Deus enquanto Beleza contribuiria para a experiência da fé cristã na contemporaneidade. A Estética Teológica designa uma elaboração teológica que considera Deus a partir do terceiro transcendental: a Beleza. Apresentaremos sumariamente como surgiu e se desenvolveu tal perspectiva teológica a partir da leitura e interpretação de alguns autores principais (Hans Urs von Balthasar, Bruno Forte e outros) e apontaremos alguns desafios para a elaboração de uma Estética Teológica na atualidade, sobretudo a partir da experiência teológica do nosso continente latino-americano. Proporemos para o início de conversação uma Estética Teológica que considere as interpelações dos sofredores a fim de constituir uma Estética operativa, comprometida e transformadora, logo uma Estética que também seja Ética.

Palavras-chave: Estética Teológica. Beleza. Ética.

Abstract

The present historical moment asks for an announcement of God that meets the human yearning for Transcendence and Beauty. In a fragmented, relativistic, fast, and hedonistic society, the transmission of faith becomes increasingly difficult and, sometimes, we are faced with a language of faith that is incomprehensible to our contemporaries. Thus, a presentation of God as Beauty would contribute to the experience of Christian faith in contemporary times. Theological Aesthetics designates a theological elaboration that considers God

from the transcendental third: Beauty. We will present summarily how this theological perspective emerged and developed from the reading and interpretation of some main authors (Hans Urs von Balthasar, Bruno Forte and others) and we will point out some challenges for the elaboration of a Theological Aesthetics today, especially from the theological experience of our Latin American continent. We will propose to start the conversation a Theological Aesthetics that considers the interpellations of the sufferers, in order to constitute an operative, committed and transforming Aesthetics, therefore an Aesthetics that is also Ethics.

Keywords: *Theological Aesthetics. Beauty. Ethics.*

Introdução

Escutamos demasiadamente o adágio de Dostoiévski de que “a Beleza salvará o mundo”. A conhecida frase provém em forma de uma questão em meio a um diálogo em “O Idiota”: “Que beleza salvará o mundo? Foi Kólia que mo contou... É um cristão zeloso? O Kólia diz que o príncipe se qualifica a si mesmo como cristão.” (DOSTOIÉVSKI, 2001, p. 396). A instigante pergunta provocou reflexões (PINHO, 2013; PIRES, 2009) e continua a fazer pensar que Beleza salva o humano.

No entanto, precisamos dar conteúdo à Beleza salvadora que a contemporaneidade pós-moderna anseia a fim de expressá-la de maneira convincente e atraente. Para o possível diálogo, necessita-se de ambos os conhecimentos das partes: Estética, Teologia e Pós-modernidade.

Em um documento, o Pontifício Conselho para a Cultura assinala: “a via (ou o caminho) da beleza, a partir da experiência sensível do encontro com a beleza, que suscita fascinação, pode abrir o caminho para a busca de Deus e dispor o coração e a mente para o encontro com Cristo”. (PONTIFICIO CONSEJO PARA LA CULTURA, 2009, p. 28). Portanto, urge refletir teologicamente a respeito do tema com sensibilidade aos desafios hodiernos.

O termo “Belo” é utilizado na linguagem vulgar para qualificar algo ou expressar determinada experiência estética com a natureza ou alguma obra criada (obras de arte, arquitetura etc.). A Beleza comumente diz

respeito ao atrativo corporal ou como o sensualmente interessante, mas pode ser definida como o mais agradável, como o sentido das coisas superiores, o útil, o bem, o verdadeiro, o divino ou reflexo do divino, o harmônico, o proporcional ou o uno no múltiplo (CARACCILO; GIVONE, 2006, p. 1139). A Estética também possui um sentido vulgar ligado aos atrativos corporais e de beleza aparente, no entanto, o termo designa uma percepção das coisas pelos sentidos e uma apreensão destas pelo espírito (VAN LIER et al, 1968, p. 557).

Assim, o termo “Belo” se compreende como um sinônimo de um valor inerente ao ser, nem sempre visível aos olhos. Como um dos três transcendentais do Ser, juntamente com a Bondade (ou o Bem) e a Verdade, a Beleza coexiste com o Ser, em diversos sistemas metafísicos, podendo afirmar que o ser é Belo.

Assim, a Estética Teológica se propõe a refletir sobre Deus a partir da Beleza. Embora Agostinho, Pseudo-Dionísio, Tomás de Aquino e outros tenham pensado e apresentado Deus como Beleza, o termo “Estética Teológica” e essa perspectiva se desenvolvem posteriormente na Teologia Ocidental. Não se trata apenas de dizer que Deus é Belo, mas elaborar uma Teologia sistemática a partir do terceiro transcendental.

Os transcendentais, em latim *transcendentalia*, são considerados propriedades do ser desde o clássico pensamento metafísico grego e, posteriormente, sistematizado pelos medievais. A Escolástica desenvolveu essa ideia para designar condições concomitantes do ser (BLANC, 1997, p. 81). Alberto Magno afirmava que a essência universal do Belo consiste no esplendor da forma sobre as partes. Santo Tomás de Aquino concebia a Beleza no estado puro e infinito do ser. Boaventura interpretava a Beleza como ato total do ser, no qual os transcendentais se compenetraram e fundem numa última irradiação (BLANC, 1997, p. 82).

Desse modo, o artigo constará de três partes principais: o marco inicial da Estética Teológica com Hans Urs von Balthasar; o mais destacado divulgador: Bruno Forte; e algumas perspectivas atuais da Estética

Teológica. Seguiremos um método descritivo das reflexões a fim de uma primeira aproximação dessa área teológica. Por fim, elencaremos algumas características para uma Estética teológica na atualidade, a partir do nosso contexto sociocultural.

O evento salvífico plenificado em Cristo é o lugar a partir do qual se elabora qualquer Teologia cristã. Somos desafiados a contemplar uma Beleza num acontecimento intrigante para a razão humana (encarnação, morte e ressurreição). Todavia, a fé nos ajuda a compreender qual deve ser a Beleza salvadora não captada pelos sentidos.

1- Princípios: Hans Urs von Balthasar

A Estética Teológica, tal como se compreende hoje, possui seu início com o teólogo suíço Hans Urs von Balthasar (1905-1988). Ele iniciou uma elaboração teológica a partir do terceiro transcendental: a Beleza (BALTHASAR, 1965, p. 16-17). Depois dele, outros desenvolveram e seguiram tal veio de reflexão. De acordo com Fernandez: “Balthasar aprova em Barth seu reconhecimento da beleza divina (*Herrlichkeit* I, 49-53), mas quer ir muito mais longe e ‘desenvolver’, como diz desde a primeira de *Herrlichkeit*, ‘a teologia cristã à luz do terceiro transcendental’, isto é, do belo”. (FERNANDEZ, 2004, p. 276).

A infância de Balthasar foi dedicada à música, despertando nele uma sensibilidade para as artes. Ele fez estudos de Filosofia, Literatura e Teologia, doutorando-se em Literatura com a tese defendida em 1928: “A questão escatológica na atual literatura alemã”. Foi ordenado padre jesuíta em 26 de julho de 1936. Ele permaneceu na Companhia de Jesus até 1950, quando deixa a ordem jesuíta para iniciar uma nova comunidade de leigos com a ajuda de Adrienne von Speyr, uma viúva convertida que influencia Balthasar a partir de seus escritos místicos (FISICHELLA, 2004, p. 231). Essa biografia influencia seu modo de refletir teologicamente e apresentar suas ideias literariamente.

Dentre seus inúmeros escritos, Balthasar se torna reconhecido por sua trilogia teológica iniciada por uma “Estética Teológica” (*pulchrum*), seguida por uma Teo-dramática (*bonum*) e por uma Teo-lógica (*verum*) (POLANCO, 2017, p. 412). Balthasar não apenas constrói um monumento teológico para os pósteros, mas inaugura um método teológico que será seguido por vários. A Estética Teológica se compreende como uma percepção de Deus e como uma chave de leitura para a Teologia Sistemática.

Para Balthasar, não interessa uma Teologia Estética: uma Teologia dedicada aos temas da Estética convencional e que põe a Beleza como mero objeto da reflexão (BALTHASAR, 1965, p. 66-68). A proposta de Balthasar consiste numa Estética Teológica que assuma a tarefa de uma doutrina da percepção de Deus que se revela na história da salvação e eminentemente em Cristo, centro e figura (*Gestalt*) da revelação (FERNANDEZ, 2004, p. 277; SALAMANCA, 2002, p. 493). Como Balthasar expressa:

A figura que nos aparece não é bela apenas por causa da complacência suscitada. Ela se fundamenta sobre a verdade e a bondade profundas da realidade que se mostra e se dá ela mesma, revelando-se a nós como algo inesgotavelmente precioso e fascinante. A manifestação, como revelação da profundidade, supõe para a fé dois dados inseparáveis: a presença real da profundidade, da totalidade e o retorno para a esta profundidade além da manifestação. (BALTHASAR, 1965, p. 98).

Balthasar desenvolve uma concepção de Deus como Beleza relacionando o *pulchrum* filosófico com a *kabôd* bíblica e a *doxa* joanina (BALTHASAR, 1965, p. 33). A glória é irradiação do ser. A Beleza é o esplendor de Deus manifestado diante de nós. Deus se autorevela livremente para o ser humano no mundo manifestando sua glória. A Teologia Fundamental tem por objeto a percepção dessa glória de Deus. Tal percepção se torna possível porque Deus mostra sua figura (*Gestalt*) (FISICHELLA, 2004, p. 232).

O mistério da encarnação de Deus expressa visualmente toda a forma como Deus é percebido em sua autoapresentação em Jesus Cristo. Diz Salamanca: “Em Cristo, o amor trinitário assume a morte como expressão

e prova para dar a conhecer seu ser-essência” (SALAMANCA, 2002, p. 492). A encarnação se constitui critério e método para falar de Deus como Beleza e proporcionar uma Estética Teológica. Como explica Palumbo: “Não se trata de uma manifestação temporária qualquer, senão de uma irrupção vertical que ocorre na linha do tempo, mas que ao mesmo tempo está fora de tempo: um *kairós*, imprevisível, superabundante de sentido, uma teofania”. (PALUMBO, 2012, p. 168).

Por meio da percepção de Deus em Jesus, o sujeito adquire o conhecimento e apreende a forma de Cristo e lhe corresponde por um ato de obediência de fé e abandono à ação de Deus (BALTHASAR, 1975, p. 262). A fé representa a reação humana à percepção da glória de Deus. O ser humano permite-se atingir pelo amor revelado em Jesus para amar com atitude confiante e expressar a fé com atos de amor pelo próximo: “Numa palavra, o que é dado teologicamente é a primazia de uma *fides quae* que faz compreender a *fides qua* como ato cujo conteúdo é já, nele mesmo, rico da plenitude do mistério”. (FISICHELLA, 2004, p. 232).

A contemplação extática da figura (*Gestalt*) Jesus se realiza num movimento até o fundamento do ser apresentado por Jesus, conforme apresenta Polanco: “O encontro pleno com Cristo só pode ocorrer com base na fé. Isto é o raciocínio por trás do primeiro volume, que ilustra a relação entre nossa fé e a forma (*Gestalt*) de Cristo, Verbo feito carne” (POLANCO, 2017, p. 425).

Jesus é a manifestação última do Pai a partir do qual o humano experimenta o divino e o ser humano reencontra sua essência. A Beleza que arrebatava o ser humano o dispõe a persegui-la, ou seja, a dinâmica entre fé e graça: a fé percebe e se entrega a Deus, enquanto a graça age no crente para elevá-lo sempre mais a Deus.

Desse modo, Balthasar desenvolve e apresenta uma perspectiva de Estética Teológica. A glória de Deus se manifestou toda em Jesus e nós a percebemos, pois ele nos deu a conhecer. Embora a relação com a ética apareça com maior clareza nas obras seguintes (por exemplo:

Teodramática), já se percebe que a práxis cristã se desenvolve a partir da epifania da Glória, que para o ser humano tem o amor como centro. Os atos de amor manifestam a Beleza de Deus.

2- Desenvolvimento: Bruno Forte

Na esteira de Balthasar, outro destacado nome da Estética Teológica é o teólogo italiano Bruno Forte. O autor elabora, além de artigos e conferências, duas obras principais sobre o tema: “Porta da Beleza” (2006), a principal, na qual ele desenvolve sua reflexão sobre a Beleza; e “o caminho da Beleza” (2010), em que o autor abrevia e sintetiza suas ideias já apresentadas.

Na primeira obra, a reflexão de Bruno Forte se desenvolve como uma longa meditação sobre a Beleza, aproximando-se parcialmente das grandes contribuições da reflexão sobre o tema ao longo da história do pensamento filosófico-teológico: Agostinho, Santo Tomás, Kierkegaard, Dostoievski, Evdokimov e Hans Urs von Balthasar. Em seguida, Bruno Forte ensaia sua própria perspectiva a partir das expressões da Beleza na música, no cinema e na poesia, enquanto epifania, canal que nos conduz à contemplação do Belo, encerrando com a mortalidade da Beleza. Ela é frágil, transgressora e vitoriosa sobre a morte, como um limiar que se abre para os horizontes da Beleza que não passa: “A beleza daquilo que passa é limiar que se abre para os horizontes da beleza que não passa. O Todo se oferece no fragmento. O fragmento se abre para o Todo através da porta da beleza” (FORTE, 2006, p. 173).

Na seguinte obra, Bruno Forte, seguindo Balthasar, apresenta o Belo a partir de expressões bíblicas para concluir que Jesus é a Beleza de Deus encarnada. A partir disso, seguindo Agostinho e Tomás de Aquino, ele traça um caminho da Beleza enquanto forma que culmina no mistério da cruz. Bruno Forte afirma: “A ideia de Beleza que é evocada é a do contrair-se do Onipotente na fraqueza, do Infinito no finito, da glória na humildade e na

vergonha da Cruz: o Belo é o amor que induz o Bem infinito a entregar-se à morte pelo bem do amado”. (FORTE, 2010, p. 45).

Para Bruno Forte, o Todo que se manifesta e se oferece no fragmento revela a inexorável finitude. O Belo denuncia sua própria fragilidade e ameaça e perturba o ser humano por causa da sua equiparação com a morte. Somente quem acolhe o desafio de se postar diante da Beleza crucificada experimenta, na tragicidade, a verdadeira Beleza eterna (BUROCCHI, 2011, p. 95-100).

3- Outras perspectivas

Há, na reflexão teológica atual, muitas tendências no âmbito da Estética Teológica com focos e métodos diversos. Estephan Van Erp destaca quatro tipos principais da Estética Teológica (ERP, 2004, p. 57-68): a Teologia da arte, a Estética Teológica-filosófica, a Estética Teológica Transcendental e a Estética Teológica em relação com a Redenção.

A Teologia da Arte se preocupa com as descrições das religiões e do Cristianismo nas obras de arte. Baseando-se nas descrições dos temas e dos interesses dos artistas, a Teologia encontra pontos em comum entre a fé e a arte apresentada. Não se trata unicamente de artes religiosas ou de artes para as religiões. Parte-se do princípio de que as artes geralmente podem ser interpretadas religiosamente, então, encontra-se pontos de relação entre a arte e a fé. Os teólogos promovem o diálogo a fim de uma Teologia a partir das obras de arte e das inspirações artísticas como ainda defende em recente artigo Sixto Castro (2022, p. 311-326).

A segunda tendência de Estética Teológica, uma Estética Teológica-filosófica, desenvolve-se a partir das compreensões filosóficas de Beleza, identificada com o Transcendente. A partir desse conceito, os teólogos encontram uma relação para falar de Deus. A afinidade entre Teologia e Estética se desenvolveu, desde a antiguidade até nossos dias, a partir da assimilação que os teólogos fazem da Beleza descrita pelos filósofos. Na atualidade, Mark Taylor, expoente dessa tendência, apresenta uma análise das teorias e reflexões filosóficas sobre contemporaneidade para

reformular a paisagem cultural da nossa era classificando-a como desfigurante (TAYLOR, 1992).

A Estética Teológica Transcendental combina uma metafísica da Beleza com a Filosofia Transcendental de Kant. O início dessa perspectiva de Estética Teológica aconteceu a partir de Hansjürgen Verweyen que dá para a Estética um lugar eminente na racionalidade teológica, pois o assombro do ser humano diante da maravilha do ser precede o julgamento pelos sentidos. Atualmente, Richard Viladesau (1999) segue essa perspectiva considerando a Beleza transcendental, mas achando que a Teologia completa a compreensão do método transcendental, porque Deus é a condição absoluta e necessária para tornar possível a Beleza.

Finalmente, a última perspectiva enfatiza a dimensão soteriológica da Estética Teológica, relacionando diretamente Beleza e redenção humana. Para tal aspecto de Estética Teológica, percebe-se uma Beleza além dos sentidos e que pode ser sensitivamente feia, mas que se desenvolve a partir de experiências humanas sofridas e que geram um compromisso de transformação social e engajamento político. Muitos teólogos da atualidade refletem a partir desse parâmetro, como por exemplo, Hans Küng, Nicholas Wolterstorff, Alejandro García-Rivera, Jonh Gruchy e Eberhard Jüngel (ERP, 2004, p. 64-66).

Com tais tendências na Estética Teológica, esse âmbito teológico continua a ser considerado e desenvolvido em diferentes lugares (AGUIRRE, 2009, p. 13-31; CORDOVILLA, 2022, p. 9-41). O tema da beleza suscita debates e inspira novas perspectivas (por exemplo: SEQUERI, 2008, p. 177-185). É preciso, para nossa realidade latino-americana, pensar parâmetros para uma Estética Teológica que leve em conta nosso processo histórico e o modo próprio de produção teológica.

Considerações finais

Assim, podemos intuir algumas compreensões de Estética Teológica para a nossa realidade atual, considerando nossos contextos socioculturais e a maneira de fazer Teologia própria da América Latina.

Deus, enquanto Beleza fascinante, apresenta-se a nós no rosto do outro sofredor e nas realidades sofridas da nossa sociedade pós-moderna. Considerando a fragilidade do nosso tempo e dos seres humanos fragmentados, encontrarmos-nos com o Todo, a Glória, o Belo, a Redenção, isto é, com a epifania de Deus que se desponta para nós surpreendentemente, causando fascínio e espanto, deslocando-nos de nós mesmos para Ele e para os outros nos quais com Ele nos encontramos. A Estética Teológica não nos paralisa diante da Beleza que se desponta, mas nos põe em marcha para realizá-la por meio de nossas vidas, em nossas ações.

João Duque (2008, p. 289-300), teólogo português, propõe uma Estética a partir da categoria de “compaixão” desenvolvida por Metz (2007). A categoria da *compassio* – do sofrimento com o sofrimento do outro – abre uma temporalidade própria, pois vive da memória e da esperança, a partir de uma relação específica com o passado e com o futuro de cada sujeito concreto. Esse passado e esse futuro formam-se a partir de histórias particulares e, no caso cristão, a partir da relação dessas histórias particulares com uma história particular: a história de Jesus Cristo. Desse modo, na categoria *compassio* resplandece a interpelação e a autoridade universal do outro sofredor. Essa interpelação constitui, no fundo, um apelo a cada humano para a Estética operativa, comprometida e transformadora.

De modo semelhante, Roberto Goizueta (2009), partindo de sua experiência com porto-riquenhos e cubanos, apresenta um “Cristo companheiro” e se baseia em Balthasar para propor uma Estética Teológica encarnada e sociopoliticamente situada, que coloca os pobres em primeiro plano. O autor argumenta que tal abordagem deve evitar os excessos do

neoconservadorismo e liberalismo, tentando viver o verdadeiro Evangelho hoje. A reflexão de Goizueta provoca uma práxis consequente da contemplação da beleza.

Com isso, a Estética Teológica comporta consigo mesma uma Ética. A Beleza só pode salvar a partir de uma história concreta (uma realidade) e alguém necessitado (o próximo). Outrossim, uma perspectiva teológica como tal não se confina nos bastidores acadêmicos, mas incide na realidade concreta e interpelativa que aguarda dos cristãos contemporâneos o rosto da Beleza que cada um pode encontrar.

Referências

AGUIRRE, Jorge Iván Ramírez. Estética bíblica y estética teológica en la época de los desórdenes del gusto. *Cuestiones Teológicas*, v. 36, n. 85, p. 13-31, 2009.

BALTHASAR, Hans Urs von. *La gloire et la croix: les aspects esthétiques de la révélation*. Vol. I: apparition. Paris: Aubier, 1965.

BALTHASAR, Hans Urs von. *La gloire et la croix: les aspects esthétiques de la révélation*. Vol. III: Théologie. Paris: Aubier, 1975.

BLANC, Mafalda de Faria. O Ente, o Ser e os seus transcendentais. *Mediaevalia*, Porto, v.16, n. 11-12, 1997, p. 77-90.

BUROCCHI, Aurea Marin. *Ética e Estética na Teologia trinitária de Bruno Forte*. Belo Horizonte: FAJE, 2011.

CARACCIOLO, Alberto; GIVONE, Sergio. Bello. In: MELCHIORRE, Virgilio (dir.). *Enciclopedia Filosofica*. Vol. II. Milano: Bompiani, 2006, p. 1138-1145.

CASTRO, Sixto. Beyond Theological Aesthetics: Aesthetic Theology. *Religions*, v. 13, p. 311-326, 2022.

COROVILLA, Ángel. La palabra en su figura y su belleza: Teología y literatura en Hans Urs von Balthasar. *Teología y Vida*, v. 63, n. 1, p. 9-41, 2022.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O Idiota*. Editorial Presença: Lisboa, 2001.

DUQUE, João Manuel. A Estética na era pós-metafísica. *Communio*, Lisboa, v. XXVII, n. 3, p. 289-300, out. / dez. 2008.

ERP, Stephan Van. *The Art of Theology: Hans Urs von Balthasar's Theological Aesthetics and the foundations of Faith*. Leuven: Peeters, 2004.

FERNADEZ, Irène. Beleza. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 273-277,

FISICHELLA, Rino. Balthasar. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 231-238.

FORTE, Bruno. *O caminho da Beleza: uma aproximação do mistério de Deus*. Aparecida: Santuário, 2010.

FORTE, Bruno. *Porta da Beleza: por uma Estética Teológica*. Aparecida: Santuário, 2006.

GOIZUETA, Roberto. *Christ Our Companion: Toward a Theological Aesthetics of Liberation*. Maryknoll: Orbis Books, 2009.

METZ, Johann Baptist. *Memoria passionis: Una evocación provocadora en una sociedad pluralista*. Santander: Sal Terrae, 2007.

PALUMBO, Cecilia Inés Avenatti. El todo en el fragmento: el amor como núcleo metódico de la estética teológica de Hans Urs von Balthasar. *Franciscanum*, Bogotá, v. LIV, n. 157, p. 165-178, ene. / jun. 2012.

PINHO, Sergio Miguel Tavares. *Que Beleza salvará o mundo? Leituras teológicas da pergunta de Dostoiévsky*. DUQUE, João Manuel (orientador). Dissertação (Mestrado em Teologia). Mestrado Integrado em Teologia. Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2013.

PIRES, Alves J. *A beleza salvará o mundo*. Covilhã: Lusosofia Press, 2009.

POLANCO, Rodrigo. Understanding Von Balthasar's Trilogy. *Theologica Xaveriana*, n. 184, 411-430, 2017.

PONTIFICIO CONSEJO PARA LA CULTURA. *El camino de la Belleza: documento y comentarios*. 2 ed. Buenos Aires: Ágape, 2009.

SALAMANCA, Li Mizar. Encuentro entre Teología y estética. *Theologica Xaveriana*. Bogotá, n. 52, v. 143, 2002, p. 489-502.

SEQUERI, Pierangelo. Il logos corrispondente. Estetica Teologica della verità di Dio. *Revista Catalana de Teologia*, v. 33, n. 1, p. 177-185, 2008.

TAYLOR, Mark. *Disfiguring: Art, Architecture and Religion*. Chicago: University Press, 1992.

VAN LIER, Henri; DUFRENNE, Mikel; CHARLES, Daniel; SOURIAU, Andre. Esthétique. DABIN, Paul (dir). *Encyclopaedia Universalis*. Vol. 6. Paris: Encyclopaedia Universalis France, 1968, p. 556-576.

VILADESAU, Richard. *Theological Aesthetics: God in imagination, Beauty and Art*. Oxford: Oxford University Press, 1999.